

EDITORIAL

Vivemos em tempos difíceis e complicados, mas eles não nos devem assustar e, sim, motivar-nos ao não conformismo! Esse princípio se aplica a todas as áreas e esferas da vida e do conhecimento.

Por isso, o grupo de biblistas que se reúne, medita e estuda a Bíblia a partir das Minas Gerais pensou em redigir este número de *Estudos Bíblicos* voltado para uma questão que é crucial, fulcral no seio da religião e da religiosidade: o sacrifício. Pode-se imaginar que muito já se disse e se analisou sobre esse tema. No entanto, devido a uma compreensão cada vez mais ideológica e distorcida que o sacrifício vem tendo por parte de várias correntes religiosas contemporâneas, pensamos em retomar esse tema a partir da perspectiva bíblica a fim de trazer um pouco de luz para um aspecto não negligenciável da vida cristã. Que tipo de culto, de sacrifício, afinal, é verdadeiramente agradável a Deus? E por quê? Essas questões perpassam todo o material de estudo presente nesta revista.

Este número de *Estudos Bíblicos* não deixa de ser, também, interdisciplinar, no sentido de que, partindo da abordagem bíblica, os nossos autores percorrerão esse tema do sacrifício lançando mão do auxílio da antropologia, da história, da filosofia, da sociologia e, também, da literatura universal. Afinal, a Palavra inspirada está em diálogo com o ambiente no qual foi gerada e no ambiente atual para o qual ela se destina a continuar produzindo os seus frutos.

O artigo de abertura – *Por que falar de sacrifício?* – de Telmo José Amaral de Figueiredo, tem como escopo apresentar a perspectiva hermenêutica deste número da revista. A intenção é, justamente, discernir que tipo de sacrifício é, de fato, agradável a Deus na perspectiva bíblica e quais seriam aqueles rejeitados por ele. Para isso, parte-se dos resultados mais expressivos da pesquisa antropológica sobre o sacrifício, fixando-se mais na teoria mimética de René Girard, a qual, apesar de suas limitações, é uma das mais apropriadas para se entender o sacrifício de Jesus que não poderia receber essa denominação, pois opera uma completa mudança no sentido do sacrifício. Jesus é a vítima única e perfeita, pois realiza uma autodoação de sua vida, é consciente da injustiça cometida em sua vitimização. O seu sacrifício tem repercussão na ética de cada comunidade de seguidores.

Em seguida temos *Caim e Abel: duas ofertas – duas atitudes de Deus*, artigo de Jaldemir Vitória, mas que é fruto do trabalho realizado no âmbito do Grupo

de Pesquisa “A Bíblia em leitura cristã” da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, de Belo Horizonte. Logo de início, o artigo constata que o “relato bíblico em torno dos irmãos Caim e Abel, inserido no início da Bíblia, estabelece um marco referencial para o tema da fraternidade e da violência, como primeiro desdobramento do pecado de Adão e Eva”. No entanto, o artigo realiza uma abordagem a partir da relação cultual que se depreende dessa cena, na qual Deus faz uma escolha pelo sacrifício de Abel, a qual não vem justificada pelo texto, mas somente constatada. O que teria motivado, então, tal decisão divina? O artigo “mesmo não chegando ao ponto de oferecer uma explicação cabal para a decisão divina, coloca as bases para a compreensão do culto na tradição bíblica. As entrelinhas do texto escondem elementos fundamentais da prática cultual; dentre eles, o mais importante é a relação com o outro (próximo) como requisito para a relação com o Outro (Deus)”.

O terceiro artigo deste número, *Sara e Hagar: Amor e sacrifício no caminho da família de Abraão*, de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. A autora inicia seu artigo reconhecendo que “Conquanto apregoados nos últimos tempos como inútil e rechaçados pela vida moderna (que o substitui pelas facilidades da máquina e da tecnologia, pela adoção do relativismo e pela quebra insistente e permanente de valores), o sacrifício continua em pauta e, por esse motivo, é urgente e necessário repensá-lo de várias formas e em variadas práticas”. O estudo promove um diálogo entre a Bíblia, onde Abraão é levado ao sacrifício de seu filho (Gn 15–22), e o sacrifício de Agamenon, presente nas tragédias gregas de *Agamenon*, de Ésquilo, e *Ifigênia em Aulis*, de Eurípides. A teoria de René Girard é outra parceira de diálogo nesse estudo, uma vez que, segundo sua concepção, o sacrifício é um “mecanismo detonado pela inveja”.

Em seguida, temos *Sacrifícios e o Dia das Expições em Levítico*, de autoria de Jacir de Freitas Faria. Na Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento, não é segredo o lugar e importância que a temática do sacrifício ocupa, especialmente, nesse livro da tradição sacerdotal judaica. “O *Dia das Expições*, colocado no centro da segunda parte de Levítico, é a condensação de todos os ritos anteriores, possibilitando o restabelecimento do estado de graça, perdido com o rompimento da Aliança”. O autor buscará demonstrar o caráter litúrgico excludente dos sacrifícios administrados pela elite sacerdotal judaica. Os sacerdotes ocupam uma dimensão diferente em relação à maioria da população “impura”, eles possuem a pureza e poder, tendo acesso direto ao Sagrado. Já o sumo sacerdote era considerado puríssimo e, “uma vez por ano, no dia das expiações, estava em contato direto com Javé e era poupado”.

Em solução de continuidade ao artigo anterior, temos *Culto desagradável a Deus: A denúncia profética da falsa religião em Is 1, 10-20*, de autoria de Jalde-mir Vitório, mas produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa “A Bíblia em leitura

cristã” e do Projeto de Pesquisa “Tradições Proféticas e Sapienciais do Antigo Testamento” (FAJE – Belo Horizonte). A efervescência religiosa atual – com uma multiplicação espantosa do número de templos pelas nossas periferias urbanas, bem como programas radiofônicos e televisivos – denota que o culto a Deus não foi extirpado do meio de nossa sociedade. Contudo, há um outro lado da questão que deve nos preocupar: Que Deus – ou deuses – afinal é cultuado? Qual a qualidade do culto que lhe é prestado? Um ponto incontornável é o tema da salvação, pois quem procura as religiões, em algum momento, está preocupado em se salvar. Daí a pergunta: Que salvação as religiões prometem e anunciam? Que exigências se colocam como caminho para a salvação?

Prosseguindo com a abordagem profética, Airtton José da Silva nos traz seu artigo – *O discurso de Jeremias contra o Templo* –, que aborda uma “intervenção do profeta Jeremias no Templo de Jerusalém, narrada em seu livro em duas diferentes versões: Jr 7,1-15, com destaque para o conteúdo de sua fala, e Jr 26,1-24 que conta as circunstâncias do acontecimento”. Durante o governo de Joaquim (609-598 AEC), o profeta Jeremias rompeu, de vez, com as instituições do Estado. Ele tornou-se, então, um ferrenho adversário da classe sacerdotal de Jerusalém, uma vez que, “sob os desmandos do governo de Joaquim, a reforma de seu pai Josias se perdeu totalmente, restando um culto superestimado como garantia da nação, consequência da centralização de todas as atividades religiosas no Templo de Jerusalém e na mão de seus sacerdotes. Culto agora usado para mascarar os males sociais e os crimes contra o povo”. A grande preocupação do profeta será impedir que a visão de mundo e o culto orientados pelos interesses do monarca e de seus fiéis seguidores – os sacerdotes – se tornem o “culto verdadeiro” ou o “único culto” a Deus.

Concluindo a série de artigos que abordam o Antigo Testamento, Neuza Silveira de Souza e Maria de Lourdes Augusta nos apresentam “*Eu quero misericórdia e não sacrifício*” (*Os 6,6*). Esse famoso versículo de Oseias será retomado em Mt 9,13 pela pessoa de Jesus em sua tentativa de fazer seus opositores entender o tipo de fé, de vida religiosa que Ele veio propor aos seres humanos. O amor e a piedade constituem o essencial que precisa estar na interioridade da pessoa. “Eu quero misericórdia e não sacrifício”: eis o que define verdadeiramente a essência da religião do espírito. As autoras aprofundarão o sentido de sacrifício tanto na perspectiva do profeta Oseias como em Jesus Cristo.

O oitavo artigo desta revista aborda *O “sacrifício” nas Cartas protopaulinas*, é de autoria de Zuleica Aparecida Silvano. Sem dúvida, Paulo é quem mais desenvolve e aprofunda essa dimensão em seus escritos e teologia. Logo de início, a autora constata a dificuldade de se apoiar em Paulo, ao menos em seus escritos autorais (protopaulinos), o gesto de Jesus como “sacrifício”. O que se encontra é uma dupla abordagem: primeira, a releitura da vida de doação do cristão em

chave cultural – para tanto se utiliza o termo específico “sacrifício” ou “oferenda” (em grego *thusía*) em Rm 12,1; Fl 2,17 e 4,18. Na segunda abordagem, Paulo imposta a morte salvífica de Cristo como *hilastērion* (Rm 3,25: podendo ser traduzido como “expição”, “propiciatório” ou “instrumento de propiciação”). Zuleica constata que “a grande novidade do apóstolo Paulo é empregar o vocábulo específico do sacrifício (*thusia*) para referir-se à vida do cristão”. Após uma profunda análise do emprego desses dois conceitos nos escritos protopaulinos, a autora conclui que “a linguagem cultural ou sacrificial para referir-se à morte de Jesus Cristo é rara, porém é utilizada em relação à ética cristã e à missão do cristão”.

Permanecendo, ainda, no âmbito da literatura paulina, José Luiz Gonzaga do Prado, em *Sacrifício: dor ou significado (Fl 2,5-11)*, explicita sua intenção de “buscar neste artigo o significado e o sentido que possa ter o sacrifício, especificamente o que chamamos de sacrifício de Cristo. Vamos pesquisar esse sentido no chamado ‘hino Cristológico’ (Fl 2,6-11)”. O autor constata que há, ainda hoje, na mentalidade e religiosidade populares uma concepção de resignação e conformismo diante do sofrimento: “Se Jesus e Maria sofreram, nós também devemos sofrer”. A própria “cruz” de Cristo é encarada como dor, sofrimento. Paulo vê a morte de Cristo não como fruto de uma resignação ou conformismo passivo, mas como ato de obediência, de aceitação das consequências por parte de um Messias que não quis seguir o modelo dos poderosos deste mundo, mas tornar-se escravo pela redenção da humanidade, ser o último ao invés do primeiro, provar o fracasso ao invés do sucesso.

Finalmente, concluindo este número de *Estudos Bíblicos*, temos o artigo de Johan Konings, *A metáfora da propiciação na Primeira Carta de João*. O autor constata que em 1Jo 2,2; 4,10, “Jesus é chamado duas vezes ‘sacrifício de propiciação pelos nossos pecados’”. O que tem levado, muitas vezes, a uma falsa interpretação “como se Jesus tivesse sido sacrificado por seu Divino Pai a fim de pagar com seu sangue o pecado humano, que tanto ofendeu a Deus que só aquele que é, ao mesmo tempo, homem e Filho de Deus o poderia pagar”. Konings encontra aqui não apenas uma questão de vocabulário – “expição” ou “reparação” ou “satisfação” ou “propiciação” –, mas de semântica: “Nosso povo pode ainda imaginar que alguém seja sacrificado em proveito de outros? E se o imagina, como é que o imagina?” Essa linguagem sacrificial é ainda válida nos dias de hoje? – pergunta-se o autor. Após uma atenta análise de ambos os textos inseridos em seus contextos imediatos, Konings conclui que, para as pessoas mais antigas, essa linguagem é mais acessível; no entanto, para os jovens, ela é por demais incompreensível. Então, seria o caso de abandoná-la? Konings acha que não, pois é impossível não adotar tal linguagem na liturgia cristã, que é devedora dessa antiga semântica. O segredo, portanto, estaria em investir em um “contexto de aprendizagem da fé, ou seja, de catequese, como se encontra nas escolas sinagogais e nas escolas bíblicas de algumas comunidades cristãs. A

função explicativa pode também ser assumida pela homilia”. Essa linguagem é uma metáfora, por isso o autor insiste que “não devemos ter medo da linguagem sacrificial. Ela faz parte do patrimônio da humanidade. Devemos ter medo é do fundamentalismo e da obsessão em relação aos sacrifícios e ritos em geral”.

Concluindo esta apresentação da revista, faço minhas as palavras finais do artigo redigido por Johan Konings, quando ele afirma que: “A hermenêutica completa da metáfora de Jesus sacrifício de propiciação exige que o próprio discípulo-leitor, ou ouvinte, viva a sua vida como sacrifício de propiciação, disposto a doar-se para que o mundo corresponda ao que Deus pode contemplar com um olhar propício”.

Telmo José Amaral de Figueiredo

